

## UMA MENINA AMUADA, EM QUALQUER LUGAR: POEMAS SEGUIDOS DE DE- POIMENTO

---

SIMONE BRANTES

---

Simone Brantes é poeta, autora dos livros *Pastilhas brancas* e *Quase todas as noites*, ambos publicados pela Editora 7Letras. É tradutora e ensaísta, autora de *Rose Ausländer* (EdUERJ/ Editora UFPR) e de *Só uma rosa como arrimo. Hilde Domin* (Edições Jabuticaba). Publicou recentemente o romance *Ana*, pela Edições Macondo. Prepara atualmente o livro de ensaios *Kafka: uma entrada para a construção*, para a Editora Corsário Satã.

---

*Este texto retoma a fala da autora na mesa “Figurações e fulgurações femininas. Conversa e leitura de poemas com as poetas Julia de Carvalho Hansen, Paula Glenadel, Simone Brantes e Zainne Silva” no colóquio “(Des)figurações do feminino na poesia contemporânea”, organizado por Masé Lemos (Unirio) e Viviana Bosi (USP) e promovido pelo Departamento e Programa de Pós-graduação de Teoria Literária e Literatura Comparada - FFLCH/USP.*

1

### Reconciliação

Minha vó cobria os santos  
com um pano roxo  
nos dias santos  
Minha vó  
se vestia toda de cinza  
todos os dias  
Minha vó  
não gostava muito de mim  
me achava muito  
sem modos

Muitos anos  
depois de sua morte  
sonhei com minha vó  
eu carregava no colo  
um feixe amoroso  
de ossos

\*\*\*

### **Talvez você falasse**

Confesso que a falta que sinto não é bem dos teus poemas,  
na verdade não sinto mesmo que seja necessário acrescentar poema algum  
aos que já foram escritos por você  
porque a morte é bem clara a esse respeito  
a porta está baixada e lacrada e agora é que começa o trabalho do sentido  
porque afinal de contas o poeta  
não escreve poemas ele escreve sempre e apenas o poema  
esse que ele mesmo nunca vai ler  
esse que ele escreveu só para os outros  
esse que lhe dá sempre as costas  
como se a escolha fosse sempre ou eu ou você  
O poema é esse que viveu de você e agora vive  
completamente às tuas custas  
Que te joga fora  
inacabado

2.

Talvez você falasse de um coice  
ou do burro que te expulsou do lombo  
da inutilidade de rédea e espora  
(Eu e meu pai nunca subimos na vida)  
Mas esse era só você e o poema mal  
te suportou e quando deu te apeou à força

3.

É um modo duro de falar. Mas não estou  
encontrando um jeito melhor  
Na sua última dedicatória você  
escreveu: desculpe a demora mas  
você não está perdendo grande coisa

4.

Não sei se posso dizer que esse era um jeito defensivo  
mas no poema você não se defendia  
montava no próprio tombo

5.

Por isso você me disse que o homem  
velho não é o rei dos animais o homem  
velho se fizer um poema ainda assim será  
um homem velho um homem cujo rosto  
devastado cujos sulcos e crateras do rosto  
devastado serão sempre os sulcos e crateras  
do rosto devastado de um homem velho

6.

Confesso que a falta que sinto não é bem dos teus poemas  
Sinto mesmo é muita falta de você

*para Donizete Galvão*

\*\*\*

### **O que é meu**

Como esses frutos miúdos, miudinhos  
um punhado  
de frutos que de tão pequenos  
cabem  
na palma de uma só mão –

tudo que é meu é pequeno:  
amadurece em espaço exíguo.

\*\*\*

Por vezes o espanto se desata,  
nasço de novo algumas vezes e, embora  
o umbigo já curado, preciso  
de um acalanto de mãe que me ensine antes,  
minha filha  
o mundo é assim

\*\*\*

## **BERLIM**

A menina chinesa  
que abriu os braços para um  
abraço quando eu me disse  
feliz  
por algo de bom  
que lhe aconteceu

A menina da  
República Tcheca  
que me chamou  
pra um café  
e corou  
e continuou corando  
até nosso  
último encontro

Em que disse  
é uma pena que  
você vá  
embora eu  
entenda  
suas razões

A menina alemã que preparou  
meu quarto na véspera  
de minha chegada  
querendo que eu  
me sentisse em casa

A menina da Geórgia que me escreve  
até hoje depois de ter  
voltado pra casa  
me perguntando:  
como você está?

A menina polonesa que traduziu  
para o alemão  
alguns poemas  
de poetas poloneses  
porque que queria  
que eu os conhecesse

A menina italiana  
que praticamente  
me obrigou  
a marcar um  
horário no médico  
antes que eu morresse  
de dor

A menina da Croácia  
que me ensinou no café  
da manhã e no jantar  
mais alemão  
do que  
qualquer professor

As meninas brasileiras  
que me perguntaram  
quando você volta  
pra casa?

## AS GAROTAS DA VARINHA DE CONDÃO

Quando eu tinha uns onze anos  
três meninas na biblioteca do colégio me  
disseram: você faz o resumo, você sabe fazer  
você escreve essas coisas  
melhor do que nós  
Eram três meninas que mal  
me conheciam, como podiam saber  
do que eu mesma não  
sabia?  
Talvez quisessem apenas  
que alguém fizesse  
e me convenceram  
inventando uma capacidade  
que eu não tinha  
para que eu fizesse  
o que não queriam  
não sabiam  
ou não lhes dava  
prazer  
Me lembro do nome delas  
uma ruivinha  
as outras morenas  
Até hoje agradeço  
pelo dom que passei a ter  
e também porque hoje  
como professora  
de garotos da idade que eu tinha  
posso mentir a eles  
acreditando mesmo  
ser possível  
a invenção  
de todos os dons

## **order in chaos**

Meu relógio tem ponteiros soltos  
os compromissos caem  
e ficam no chão  
De tempos em tempos  
olho para eles  
e lhes dou esperança  
no meu relógio meu dia  
é metade noite  
minha noite  
metade dia

\*\*\*

## **Lapso**

Um homem tira um grito das tripas,  
do seu flautim medonho,  
enquanto esfrega seu sexo contra a porta  
do carro — pau e porra lhe pesando,  
terríveis como poderíamos sentir se  
por um acaso se tornasse  
de um dolorido espanto este lapso:  
não saber o que fazer com o que cai  
de repente em nossas mãos.

## DEPOIMENTO

Gostaria de narrar uma cena de infância a que me remeteu, desde o início, o nome desse colóquio que nos reúne aqui em torno da escrita feminina. Mas antes, porque a desfiguração implicada necessariamente na figuração do feminino se torna cada vez mais clara para mim pela insistência com que esta cena retorna à minha memória, trazida

sobretudo pela leitura de alguns poemas escritos por homens, eu gostaria de chegar a ela passando por dentro de alguns desses poemas, por dentro de uma perspectiva masculina, emasculada de algum modo, até certo ponto, pelo lugar feminino em que a poesia não deixa de colocá-la.

Começo pelo poema “Infância”, de Carlos Drummond de Andrade.

### **Infância**

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusóé,  
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
– Psiu... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

Quando reli recentemente, já pensando nas (des)figurações do feminino, este poema de Drummond, encontrei nele muitas coisas que antes nunca tinham se tornado, de fato, objeto de minha atenção. Em primeiro lugar, o corte, a cisão entre um dentro, a casa, da qual não se afastam demasiadamente a mãe e as crianças, e um fora, que é o lugar do pai. E correspondendo a esta cisão espacial, uma divisão do trabalho: o coser da mãe e o campear do pai. Um dentro que é o espaço familiar e um fora que é o espaço do não familiar, na medida em que não é apenas um espaço do trabalho, mas também do extraordinário, da aventura: o “mato sem fim da fazenda”.

Paralela a esta divisão do trabalho, surge uma outra, aquela que se dá entre a figura da mãe e a figura que também dá ou zela pelo *sabor* do familiar, deste dentro: por metonímia, mulher preta cujo presente ainda está ligado a um passado de escravidão. E que se aproxima do pai pela distância em relação ao dentro, ao familiar: ela pertence ao dentro, mas também aos longes da senzala e a um mais longe ainda que desde a senzala é evocado. Nesse sentido, também traz a marca do infamiliar. E o menino, o leitor da história de aventura, que parece fazer a mediação entre esse dentro e esse fora. Esse menino que, ao crescer, não irá assumir o lugar do pai, que não vai campear no “mato sem fim da fazenda”, que vai tomar consciência, na escrita do poema, que a sua história é mais bonita do que a história de Robinson Crusóé, vai ter uma relação fundamental com o feminino. Poeta: o lugar da criança, o lugar do feminino.

Na cena de infância que me fez lembrar desse poema e que desde então atravessa a sua leitura, há a mãe que ciosa e silenciosamente cose, a mulher preta cuja voz se ergue, sem abafar a voz que aprendeu a ninar nos longes da senzala, e chama para o café gostoso e bom, o pai que monta à cavalo e vai campear no “mato sem fim da fazenda”, os dois filhos meninos que, a qualquer custo, devem fazer, convocados pelo pai, a transição do dentro para o fora, do ordinário de um mundo feminino para um distante em que o masculino deve se provar, afirmar o seu direito à aventura, ao extraordinário. E além da avó, que, desde a viuvez, se torna uma espécie de fiadora, guardiã, quase intratável, sempre em tons de cinza e preto, desse mundo patriarcal, há a menina que não deseja ficar ao lado da mãe, que prefere não o próximo, mas o distante, que quer procurar *in loco*, e não nas páginas de um livro, a aventura. A menina que, por isso, não pode disputar, na medida certa, o amor das mulheres da família. Ela se senta na escada que leva do terreiro ao pátio e assiste a todos os preparativos para a saída do pai e dos irmãos, às vezes muito antes de a sela

ser lançada sobre a manta, de apertarem a barrigueira, de conferirem a posição dos estribos, de o cabresto ser substituído pela brida e as rédeas: quando os cascos são aparados, ferraduras novas são fixadas com cravos e mesmo sobre a terra batida se torna possível perceber um outro tom de um patear mais inquieto. Quase sempre ela fica por um tempo ali, mesmo após os cavalos e cavaleiros sumirem de seu campo de visão.

Um dia o pai cede, ainda que contrariado, à insistência do pedido para ir junto. Seu cavalo é escolhido, de todos os mais dócil, o mais macio, de passada mais suave. Ela monta, não sem esforço. Eles partem pela estrada estreita da chácara, chegam à estrada mais larga, descem, atravessam a ponte, passam pelo alto pé de mulungu de tronco grosso, pelo extenso caquizal, pelo barulho do rio, pelos pios mais fortes dos pássaros. Ela nunca perde totalmente o medo, mas adquire confiança, ajeita o chapéu nordestino, de couro, abóbora, dado pelo tio. Então é que o imprevisto acontece, depois da cerca viva de bambus que escurece a estrada. O pai ri e ríspido levanta o chicote, bate com força no cavalo, que se assusta. Ela quase cai. O pai ainda está rindo. Ela se mantém sobre ele como pode, uma mão prende a rédea e a outra agarra a cabeça da sela como um bom cavaleiro nunca deve fazer. Do resto da viagem, no entanto, tudo se apaga. Na sua memória, ela termina aí, nesse ponto da estrada.

Ela faz questão, ainda mais nesses tempos, de deixar claro que o pai era um homem bom, admirado na sua comunidade, elevado, pelo seu senso de justiça, de dever, de decência, a uma autoridade que todos desejavam disponível sempre que se apresentava um conflito – questões de terra, questões de família, querelas entre vizinhos, empregados, sóbrios ou bêbados – ameaçava o suposto equilíbrio em que transcorriam as vidas de todos. Não que no gesto de erguer o chicote, de atíçar a rebeldia do cavalo, não houvesse sequer um pingo de maldade. E hoje ela pensa que essa maldade aparecia ali onde a sabedoria atribuída a ele era acanhada demais para lidar com os seus próprios conflitos. Mas havia, sobretudo, o desejo de contrapor essa rebeldia do cavalo à rebeldia da menina que recusava o lugar desde sempre demarcado num dentro e no espaço externo ainda adstrito ele. O pai, diante do fracasso do exemplo imediato da mãe e da avó, precisava ensinar à menina o seu lugar.

Muitas décadas depois ela se dá conta de que um de seus poemas, cujo tom parece ter sido desviado, como um curso, uma pena d'água, de um poema de Heitor

Ferraz (duas meninas depressinha), remonta a esta cena (engraçado é que aqui ela não tem como deixar de se lembrar que remontar é também não ficar no chão, mas montar de novo nesta cena).

Uma menina amuada sentada na escada  
uma menina amuada sentada na pedra  
uma menina amuada sentada em qualquer lugar  
são a mesma menina, as medidas é que  
diferem, o tamanho do cabelo os traços  
do rosto diferem um pouco  
mas muito pouco  
De mesmo mesmo é que estão  
sentadas, amuadas  
uma na escada  
a outra na pedra  
a terceira, que  
não é a última  
em qualquer lugar

A menina não caiu do cavalo. De muitos modos, em muitas etapas do caminho, precisou se segurar firme sobre a mesma montaria para chegar aonde desejava. No entanto, quando lê e pensa no seu poema, ela acredita que não foi exatamente assim: ela não caiu e também caiu, ou nem caiu e nem se manteve sobre o cavalo. A “escada” do poema, ela se dá conta, é a escada onde se sentava à espera de que o pai a levasse, a “pedra”, é a pedra em que se sentava sempre que ficava amuada quando lhe negavam algo que desejava. A mesma menina persiste em todas as diferenças de tempo e espaço. Qualquer lugar ainda é a escada e a pedra. Da escada e da pedra que são qualquer lugar, um espaço se abre, se perde num indefinido, um sem-fim. O fora – a distância, a aventura – é devorado pela melancolia.

Desse poema passo a outro. O poema agora é “Escoiceados”, um dos tantos, tantos, tantos magníficos que Donizete Galvão nos deixou:

## Escoiceados

Meu pai e eu  
nunca subimos  
num alazão  
que galopasse  
ao vento.  
Tínhamos  
um burro  
cinza malhado:  
o Ligeiro.  
Foi apanhado  
de um conhecido  
por ninharia.  
Chegou com fama  
de sistemático,  
cheio de refugos.  
De trote tão curto  
que dava dor  
nas costelas.  
De certa vez,  
caímos do burro.  
Meu pai e eu.  
Eu e meu pai.  
Embolados.  
Joelhos esfolados  
no pedregulho.  
Levamos bons coices.  
Meu pai e eu.  
Os dois  
nunca subimos  
na vida.

Aqui onde a palavra pai vem junto com a palavra impotência (nunca subir num alazão, nunca galopar ao vento, nunca subir na vida, mas antes, rebaixado, no chão receber seus coices), o filho (poeta) e o pai podem cair juntos, “embolados”, do ponto máximo (o burro comprado por uma ninharia), ao fim de uma canhestra tentativa de subir. Em “Os bens e o sangue”, poema de Drummond, contra o menino “frágil, frágil”, pertencente à estirpe dos que se desapegam “de toda a fortuna”, “concentrando seu fervor numa riqueza só, abstrata e una”, pesa a condição de deserddado do mundo patriarcal e a praga (para seu “bem será”) de “cair do cavalo / de cabeça no valo”. O menino, pelo qual várias vezes pedem compaixão, entre as quais poderíamos até pensar a própria voz da mulher preta que aprendeu a ninar nos longes da senzala, é o poeta que afirma “os parentes que tenho não circulam em mim. / Meu sangue é o dos que não negociaram, minha alma é dos pretos.”

Do poema “Talvez você falasse”, que escrevi para o livro-homenagem à poesia de Donizete Galvão, reproduzo um pequeno trecho da parte que mais diretamente dialoga com o poema “Escoiceados” e que me importa especialmente aqui onde se fala de dentro e de fora, do familiar e do infamiliar, do ordinário e do extraordinário, do cotidiano e da aventura, do quinhão de mundo, ou de latifúndio, que cabe a meninos e a meninas. Aos meninos é concedido cavalgar e campear com o pai, também embolado com ele quando aos dois cabe um lugar fora do poder. Às meninas que recusam o dentro, cabe a mesma “parte de nonada” que coube ao menino mofino, desaventurado, emasculado.

2.

Talvez você falasse de um coice  
ou do burro que te expulsou do lombo  
da inutilidade de rédea e espora  
(Eu e meu pai nunca subimos na vida)  
Mas esse era só você e o poema mal  
te suportou e quando deu te apeou à força

3.

É um modo duro de falar. Mas não estou  
encontrando um jeito melhor  
Na sua última dedicatória você  
escreveu: desculpe a demora mas  
você não está perdendo grande coisa

4.

Não sei se posso dizer que esse era um jeito defensivo  
mas no poema você não se defendia  
montava no próprio tombo

“O poema ensina a cair”, nos diz num belo poema a portuguesa Lídia Jorge. Mas ele nos ensina também que é preciso montar no próprio tombo. Não se defender, assumir um desejo que recusa a desigual divisão de mundo entre homens e mulheres, montar no próprio tombo, sempre que for provocada a queda, é afirmar que a história de meninas e meninos pode ser mais bonita que a história de Robinson Crusoe.

Termino por um poema de Cecília Meireles que, assim como o poema “Infância”, de Drummond, li com o mesmo espanto diante de uma linguagem esquisita, nos livros didáticos de “Comunicação e expressão”, da década de 1970.

É a menina manhosa  
que não gosta da rosa,

que não quer a borboleta  
porque é amarela e preta,

que não quer maçã nem pera  
porque tem gosto de cera,

que não toma leite  
porque lhe parece azeite,

que mingau não toma  
porque é mesmo goma,

que não almoça nem janta  
porque cansa a garganta,

que tem medo do gato  
e também do rato,

e também do cão,  
e também do ladrão,

que não calça a meia  
porque dentro tem areia,

que não toma banho frio  
porque sente arrepio,

que não quer banho quente  
porque calor sente,

que a unha não corta  
porque sempre fica torta,

que não escova os dentes  
porque ficam dormentes,

que não quer dormir cedo  
porque sente imenso medo,  
que também tarde não dorme  
porque sente um medo enorme,

que não quer festa nem beijo,  
nem doce, nem queijo...

Ó menina levada,  
quer uma palmada?

Uma palmada bem dada  
para quem não quer nada!

Nele uma série de negações voluntariosas que o gosto e o desejo de uma menina fazem recair, a torto e a direito, sobre objetos, alimentos, flores e frutos, animais e humanos, de dentro e de fora, familiares e infamiliars, esgota radicalmente o campo de possibilidades do desejo, excluindo mesmo aquilo em que ele mais claramente se encarna: a festa, o beijo. E a menina, manhosa, mimada, vem a ser então confrontada com o que sobra: a palmada, o castigo. O poema é delicioso, sem dúvida. O gosto por essa menina, no leve jogo sonoro e imagético das palavras, das rimas, das inversões sintáticas, do humor delicado, colocam em segundo plano qualquer censura, como se ela fosse apenas parte do jogo. Mas a palmada, ao fim, que faz parte desse indisfarçável deleite com a menina, também parece interromper bruscamente o jogo. E deixa, numa espécie de vácuo que se abre, muitas perguntas sobre o desejo dessa menina. A primeira que me faço:

Será mesmo que a menina não quer nada?

---

Submetido em 29 de novembro de 2023

Aprovado em 15 de dezembro de 2023

Publicado em 28 de janeiro de 2024

---